

ORIENTAÇÃO DO DESENHO: NECESSIDADE DE SUA SIMPLIFICAÇÃO

Prof. NEWTON SILVA
Catedrático interino e Docente-Livre
de «Desenho Artístico»

O conjunto dos elementos para elaboração do desenho, pela sua importância e complexidade, obriga ao artista, a pesquisar ou mesmo conjecturar no sentido de busca a uma diretriz que lhe permita atingir seu objectivo.

E' impossível, em principio, a padronização ou estabelecimento de normas, de qualquer natureza na formação da obra de arte, entretanto não se negue a possibilidade de um estudo elucidativo, a facilitar e refletir particularmente, na execução do desenho.

Refiro-me ao estudo analítico em oposição a normas implantadas e que permitem muitas vezes, por eventualidade, sorte ou o que seja, a obtenção senão do conjunto, mas ao menos um efeito artístico digno de mérito. Não desconheço a tortura do artista ao se defrontrar com o problema a ser obrigado a lançar mão dos mencionados recursos para sua resolução ou compelido à investigação.

A investigação não é mais do que a procura sedimentada dos traços e demais elementos, para construção do desenho, afim de que se obtenha o seu verdadeiro carácter. Assim o de que mais necessita o artista é de análise, de análise constante, principalmente porque uma obra de arte é um repositório de elementos novos e sempre variados e portanto, carecendo permanentemente de melhor sinceridade e critério.

São êsses elementos novos e variados que se revoltam contra os recursos preestabelecidos. Na realização de um desenho deve-se considerar, em relação ao motivo, condições exteriores que lhe são próprias e condições interiores de natureza psicológica e que fogem ao objectivo desse estudo, embora qualquer referência seja feita sumariamente.

Focalize-se um determinado motivo para orientação e esclarecimento do que julgamos indispensável á iniciação do desenho, em carater simplificado. Se, cada motivo, tem condições próprias, dando-se sentido e uma lógica próprias para sua compreensão, os recursos preestabelecidos longe de simplifica-los, na obtenção da obra de arte, impedem a consecução do fim artístico, a não ser que se não deseje uma obra de arte. Se êste é o propósito desmerece de apreciação por se tratar de falsa obra de arte.

A regra do artista, data venia do paradoxo, é a procura de uma explicação satisfatória em cada assunto dos elementos que se relacionam, com a verdade. Encontrada a razão de ser do traço ou do elemento, cabe transporta-lo para o quadro e coordena-los aos demais já lançados, já reduzindo, já ampliando e até alterando os já riscados numa procura incessante, angustiada do conjunto. Nem sempre êsse conjunto já analisado se encontra terminado. Até nesta fase a tortura de perfeição insatisfaz, frequentemente, o artista.

O desenvolvimento de qualquer desenho não é um problema puramente mecânico, está ligado às características ineludíveis do motivo, após apreciável justificativa. A rápida análise se distancia da verdade e impede as possibilidades de êxito na maneira de saber vêr. A ânsia de dominar com rapidez tôdo o conjunto descure o artista da atenção voltada ao objeto.

Já é verdade que os conhecimentos deduzidos por observação e análise dos objetos belos, de sua maneira de ser percebidos e vividos pelo sujeito é a própria essência da obra de arte.

O desenvolvimento do assunto exige apreciação de dois aspectos afim de que confrontando-os note-se qual a maneira mais viavel de simplificação do desenho. Em princípio, a realização de um desenho poderá ser executada sem a prévia observação, entretanto a prévia observação dar causa ao segundo aspecto, para obter a obra de arte. Esta é a maneira mais viável, porque parte de um plano, de um estudo, preliminar, eliminando incorreções e falsas interpretações do motivo. Dêsse modo se explica, naturalmente, a orientação mais segura ao êxito, desde quando, no motivo escolhido, reside tôdo o material necessário ao fim artístico, carecendo tão somen-

te um trabalho de atenção e raciocínio, indispensáveis à interpretação equilibrada.

A execução de um trabalho artístico, um desenho feito ao mesmo tempo em que se observa o motivo, isto é, inteirando-se dos seus elementos no ato da realização do trabalho, resulta frequentemente em comprometer o resultado da obra. Já a execução do desenho, pela fixação de elementos, depurados na observação preliminar, pela análise e comparação, correlacionado ao conjunto impedem vacilações e incertezas frequentes à aqueles que desmereceram da observação prévia.

Demonstra-se, facilmente, esta assertiva quando se sabe que, embora a escolha exata do motivo, não impede a vacilação e a incerteza resultantes ora da observação sumária, ora da ansiedade de transporta-lo para o papel, ora a rapidez em resolver questões no decurso de trabalho, quando, êle o artista nem sempre se ache em condições de sentir particularidades que exigem reflexão.

A incompreensão ou observação de modo superficial desvia o artista à fantasia, ao improviso, conduzindo-o muito longe da realidade.

Seria êsse o verdadeiro caminho a seguir na elaboração de um desenho? Reconhecemos que existe melhor orientação, digo melhor interpretação poderá ser conseguida através de pequenos estágios elucidativos com o objectivo de dirigir sempre ao equilíbrio satisfatório. Tôdo o assunto não deixa de ser um campo de pesquisas, um repositório de investigações a nos ensinar verdades, atravez de análises bem refletidas. O desdobramento de qualquer trabalho tem as suas razões e não podemos abandona-las ou despreza-las, porque, quando percebidas anteriormente, se fortalecem no plano da obra.

Louvamos e se me permitam aconselhamos, como ponto principal na simplificação do desenho a análise, análise prévia, serena e meditada.

O espírito do natural filia-se a êsse fato, e essa justeza que incondicionalmente desejamos incorporar ao desenho. Se estudamos o motivo antes de desenha-lo, é porque simplesmente estamos desenhando mentalmente.

A execução não deixa de ser a transplantação ajustada conscientemente à impressão colhida e analisada.

Enfim, a análise preparatória de qualquer assunto a ser desenhado, se torna mais aconselhavel, da qual podemos entender a forma sob o aspecto mais simples e mais equilibrado. E' o trabalho que procuramos fazer através de elementos escolhidos, por etapas sucessivas, com a finalidade de alcançar a expressão mais ajustada da simplificação propriamente dita.